

A. H. de Oliveira Marques

1933-2007



BNP

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

A. H. de Oliveira Marques
1933-2007



MINISTÉRIO DA CULTURA

A. H. de Oliveira Marques
1933-2007
50 anos de historiador

Exposição bibliográfica

21 de Junho a 14 de Setembro de 2007

BNP

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

Lisboa – 2007

Coordenação

SERVIÇO DE ACTIVIDADES CULTURAIS

Pesquisa, organização e catalogação

MANUELA RÊGO

Revisão

ROSÁRIO DIAS DIOGO

Capa

HUMBERTO CALDEIRA

A. H. de Oliveira Marques em Viena,
Agosto de 1956 (Lisboa, col. A. H. de O. M.)

Maquetização e montagem da exposição

SERVIÇO DE ACTIVIDADES CULTURAIS

Preservação e conservação

DIVISÃO DE PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO

Catalogação na publicação

PORTUGAL. Biblioteca Nacional de Portugal

A. H. de Oliveira Marques, 1933-2007 : 50 anos de historiador : exposição bibliográfica / Biblioteca Nacional de Portugal ; coord. Serviço de Actividades Culturais ; org. Manuela Rêgo. – Lisboa : BNP, 2007. – 216 p.

ISBN 978-972-565-418-7

- I - PORTUGAL. Biblioteca Nacional de Portugal.
Serviço de Actividades Culturais
- II - RÊGO, Manuela, 1952-

CDU 94Marques, A. H. de Oliveira(01)
929Marques, A. H. de Oliveira(01)
012Marques, A. H. de Oliveira
017.1(469)

Agradecimentos

A Biblioteca Nacional de Portugal agradece a colaboração de Hipólito de la Torre Gómez, João José Alves Dias, Maria Helena da Cruz Coelho, Mário Soares e INSCOOP – Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo.

Homenagem a A. H. de Oliveira Marques

JORGE COUTO

7

T E X T O S

A. H. de Oliveira Marques

MARIA HELENA DA CRUZ COELHO

15

Evocação de Oliveira Marques

MÁRIO SOARES

21

Oliveira Marques o el mundo que se nos va

HIPÓLITO DE LA TORRE GÓMEZ

25

Um aprendiz de Historiador na Alemanha do Pós-Guerra

A. H. DE OLIVEIRA MARQUES

29

A economia cooperativa, instrumento
privilegiado da transformação gradual da sociedade

A. H. DE OLIVEIRA MARQUES

Carta a António Sérgio

43

Texto de Ernest Reisen

45

C A T Á L O G O

Bibliografia activa

59

Bibliografia passiva

185

Í N D I C E S

199

Homenagem a A. H. de Oliveira Marques 1933-2007

A Biblioteca Nacional de Portugal presta homenagem, por ocasião do seu falecimento, a um dos mais importantes historiadores portugueses de Novecentos, que muito contribuiu para renovar a historiografia nacional, sobretudo nas áreas da História Medieval e da História Contemporânea. Além das importantes funções que desempenhou no mundo universitário, foi, também, o primeiro director da Biblioteca Nacional de Lisboa após a «Revolução dos Cravos».

Antes de me referir à sua acção à frente dos destinos desta Casa num dos períodos mais agitados da sua secular história, provavelmente só comparável aos vividos em 1833-1834 e em 1910-1911, não posso deixar de me referir, embora brevemente e a título pessoal, ao contributo do historiador, particularmente na área em que o conheço com maior profundidade, ou seja, a História Medieval.

Deparei, pela primeira vez, com uma obra de A. H. de Oliveira Marques, numa pacata livraria de Ponta Delgada, no final dos anos sessenta, quando, ao vasculhar as suas prateleiras, descobri uma obra que me despertou vivo interesse. Com efeito, o *Guia do estudante de história medieval portuguesa*, publicado pelas Edições Cosmos em 1964, constituiu, para um jovem

entusiasta pela História, uma verdadeira revelação, uma vez que, por um lado, se tratava de um título verdadeiramente inovador na bibliografia nacional da época, e, por outro, abria as portas a um mundo aliciante, ou seja, a uma vastíssima bibliografia comentada de um modo claro e pedagógico.

A colecção «Marcha da Humanidade», dirigida por Vitorino Magalhães Godinho e editada pelo saudoso Manuel Rodrigues de Oliveira, publicou alguns dos títulos fundamentais da historiografia portuguesa da década de sessenta, entre os quais se contava a *Introdução à História da Agricultura em Portugal: a questão cerealífera durante a Idade Média* (2.^a edição, 1968), obra que renovou profundamente a metodologia da investigação sobre a temática em Portugal e que suscitou pistas de reflexão para quem, então, se interrogava e procurava encontrar as origens de uma estrutura fundiária e social tão acentuadamente desigual como aquela que caracterizava a Ilha de São Miguel no ocaso do salazarismo.

Não fui aluno nem discípulo de Oliveira Marques, mas os seus estudos sobre o mundo rural da Idade Média incrementaram o meu interesse por temas afins, nomeadamente as questões relacionadas com as instituições vinculares, as medidas desvinculadoras e, ainda, as políticas de desamortização. Nunca lhe transmiti, nos ocasionais contactos que mantivemos, a importância que a leitura dos seus livros tinha desempenhado na formação da minha firme convicção de optar pela História em detrimento de outras alternativas.

As obras da fase medievalista de Oliveira Marques não só provocaram um acentuado interesse por esse período da nossa História, como suscitaram muitas vocações que, com o seu pendor pedagógico, o historiador fomentou e muito contribuiu para criar escola. As inovadoras temáticas que introduziu em Portugal e as metodologias que adoptou na investigação histórica produziram uma importante renovação na produção historiográfica portuguesa que viria a frutificar e a criar sólidas raízes.

A *História de Portugal: desde os tempos mais antigos até ao governo do Sr. Marcelo Caetano*, que conheceu a primeira edição portuguesa em Março de 1972, representou, na época, uma importante viragem na tradição vigente desde a institucionalização do Estado Novo, cometendo a ousadia de

abordar o percurso do país até à actualidade, procurando recuperar do limbo a que se encontrava confinada a História Contemporânea de Portugal.

Por despacho de 12 de Novembro de 1974, do ministro da Educação e Cultura do III Governo Provisório, Vitorino Magalhães Godinho, foi A. H. de Oliveira Marques nomeado, sob proposta de Maria de Lurdes Belchior, secretária de Estado dos Assuntos Culturais e Investigação Científica, director da Biblioteca Nacional de Lisboa. Mas, na época, enquanto os governos e os ministros se sucediam em ritmo vertiginoso, o sistema burocrático estruturado no Estado Novo mantinha-se intocável, protelando a execução das decisões. Nessa época, as nomeações governamentais ainda estavam sujeitas ao visto prévio do Tribunal de Contas, que apenas procedeu ao seu registo a 8 de Fevereiro de 1975, concedendo-lhe o respectivo visto a 12, pelo qual cobrou 250\$00 de emolumentos. A nomeação somente viria a ser publicada no *Diário do Governo* n.º 45, II Série, de 22 de Fevereiro desse ano.

O desfasamento entre o ritmo fervilhante das mutações sociais e políticas que o país vivia e a lentidão dos rotineiros processos de funcionamento das estruturas administrativas criaram uma situação delicada em que o indigitado director não se encontrava no pleno exercício das suas competências legais, tendo de aguardar mais de três meses pela tomada de posse, que lhe foi conferida no próprio dia da publicação na folha oficial pelo director-geral dos Assuntos Culturais, Rúben Andresen Leitão, em cujo gabinete então se encontrava Oliveira Marques a trabalhar no «magno problema do restauro e encadernação dos livros da Biblioteca».

Decorridos alguns dias da sua posse, ocorreu a gorada intentona do 11 de Março, que conduziu à queda do executivo e à sua substituição pelo IV Governo Provisório. Assim, no curto espaço de quatro meses, Oliveira Marques conheceu quatro ministros da Educação e Cultura (Vitorino Magalhães Godinho, Manuel Rodrigues de Carvalho, Vasco Gonçalves, a título interino e por breves dias, e José Emílio da Silva).

No seio dessa febril agitação funcionaram como factores de estabilidade o secretário de Estado da Cultura e Educação Permanente, João de Freitas Branco, e o titular da direcção-geral que tutelava a Instituição, o escritor Rúben A.

Uma conjuntura tão instável não era, certamente, propícia à tomada de decisões duradouras sobre o futuro da Instituição. Sobretudo a partir do 11 de Março, o país entrou num clima de intensa agitação social e de aguda conflitualidade, aos quais, naturalmente, a Biblioteca Nacional de Lisboa não poderia ficar imune.

Apesar da intensidade das movimentações político-sociais e da instabilidade interna, consubstanciada na criação de órgãos de direcção e de gestão paralelos e na realização de intermináveis plenários – processos típicos do PREC (Processo Revolucionário em Curso) que então se vivia em Portugal – Oliveira Marques conseguiu concretizar alguns dos seus projectos.

O acesso directo dos leitores ao Catálogo Geral constituiu uma das medidas mais relevantes, uma vez que, até então, não era autorizada a consulta dos diversos ficheiros (onomástico, didascálico e ideográfico), situação que não permitia uma efectiva pesquisa, sendo necessário, para cada nova pista que surgisse, recorrer à intermediação de funcionários. Tal situação, além de dificultar o trabalho dos investigadores, permitia a ocorrência de situações de controlo ou sonegação de informação e de favoritismo. Mas o interesse de Oliveira Marques pelo Catálogo da Biblioteca Nacional de Lisboa não se restringia às questões relacionadas com o acesso. Preocupava-se, sobretudo, com a sua qualidade, procurando encontrar soluções destinadas a colmatar as deficiências dos ficheiros antigos, tendo-se empenhado e conseguido – com o apoio do Instituto de Alta Cultura – recrutar mais de uma vintena de bolsheiros, distribuídos pelos diversos serviços, que não só iniciaram um trabalho de conversão retrospectiva, como encetaram a tarefa de preparar catálogos das espécies de várias colecções especializadas.

A criação de novas secções (Iconografia, Cartografia e Numismática), bem como o apetrechamento das instalações destinadas a instalar o núcleo de Estampas constituíram outra das realizações do breve e conturbado período directivo de Oliveira Marques.

A terceira área em que o historiador centrou a sua actividade foi, na senda da concepção por ele perfilhada de que «uma biblioteca nacional deve ser um mundo de actividades culturais», a organização de exposições, acompanhadas da edição dos respectivos catálogos. A exposição sobre eleições para Assembleias Constituintes, realizada por sugestão de Rúben A., destaca-se como primeira iniciativa da Biblioteca Nacional de Lisboa destinada ao público, após o 25 de Abril. Oliveira Marques estruturou-a em torno de três momentos que considerou de ruptura na História Contemporânea de Portugal (1820-1836-1911). O certame, que decorreu de 7 a 30 de Abril de 1975, representou uma tentativa pedagógica de sensibilização para outros períodos históricos dos séculos XIX e XX em que ocorreram modificações abruptas de regime e que culminaram na realização de eleições para deputados constituintes. Organizada e prefaciada pelo respectivo director, a mostra – que celebrou, na verdade, a realização da primeira eleição efectivamente geral e universal realizada em Portugal (25 de Abril de 1975) – esteve patente na cidade do Porto, na senda da política descentralizadora preconizada por Oliveira Marques.

A exposição *300 Anos do Cartaz em Portugal*, perpetuada por um catálogo de boa qualidade, foi uma iniciativa da maior importância, uma vez que chamou a atenção para a importância histórica e artística desse documento gráfico, quando, até então, era considerado uma espécie menor indigna de atenção e, ainda menos, de estudo. As espécies obtidas junto de muitas tipografias e litografias permitiram concentrar num núcleo especializado os exemplares dispersos pela Casa e criar as bases de uma colecção que viria, anos depois, a ser muito enriquecida por doações e pelo cumprimento mais efectivo do depósito legal.

Em Setembro de 1975, Oliveira Marques entrou em rota de colisão com o V Governo Provisório, que fora empossado a 8 de Agosto, a propósito da transferência da tutela das bibliotecas, arquivos e museus para o Ministério da Comunicação Social, dirigido pelo comandante Correia Jesuíno. O director da Biblioteca Nacional de Lisboa publicou, então, no n.º 15 do jornal *A Luta*, de 10 de Setembro, um indignado artigo em que considerava essa medida «uma subordinação da cultura à propaganda, num estilo que só poderemos apelidar de totalitário, com

reminiscências goebbelianas». Apesar da queda do transitório governo de Vasco Gonçalves e da tomada de posse do VI Governo Provisório, liderado por Pinheiro de Azevedo (19 de Setembro), prosseguiram as hostilidades entre Oliveira Marques e as estruturas paralelas de gestão. Estava-se às portas do 25 de Novembro e o director encontrava-se demissionário e coarcado na sua capacidade de decisão. A Instituição ainda teria de esperar até 1980 para regressar à normalidade e retomar capacidade de iniciativa. No entanto, muitas das iniciativas de Oliveira Marques, ultrapassados os fervores revolucionários, acabariam por frutificar em contextos diferentes e, naturalmente, mais estáveis e duradouros.

JORGE COUTO

Director-Geral da Biblioteca Nacional de Portugal

Por despacho do Ministro da Educação e Cultura
de 12 de Novembro de 1974:

Doutor António Henrique Rodrigo de Oliveira Marques — nomeado para exercer as funções de director da Biblioteca Nacional de Lisboa. (Registo T. C. 5417, de 8 do corrente mês. Visado em 12. São devidos emolumentos no valor de 250\$.)

Direcção-Geral dos Assuntos Culturais, 19 de Fevereiro de 1975. — O Director-Geral, *Rúben Alfredo Andresen Leitão*.

Evocação de Oliveira Marques

Conheci o Professor Oliveira Marques no final dos anos cinquenta, era eu já advogado, com escritório na Rua do Ouro. O Professor Oliveira Marques tinha acabado de se licenciar em Ciências Histórico-Filosóficas (como eu próprio), mas à distância de sete ou oito anos. Tinha precisamente menos nove anos do que eu.

Por razões que desconheço, Oliveira Marques tinha relações próximas e afectuosas com o Professor Mário de Azevedo Gomes, silvicultor reputado, seareiro, antigo ministro da I República e então o líder incontestado da oposição democrática à ditadura de Salazar, desde o MUD (Movimento de Unidade Democrática), para-legal, que surgiu no final da guerra.

Foi Azevedo Gomes, de quem eu era uma espécie de ajudante e fiel admirador político, que me falou, pela primeira vez, de Oliveira Marques. Disse-me que era um rapaz muito inteligente e preparado, brilhante aluno da Faculdade de Letras, acabado de se licenciar, com distinção, com a tese «A Sociedade em Portugal nos Séculos XII a XV» (1956) e firmepositor intelectual à ditadura. Numa palavra, pediu-me para eu o receber e o sondar para trabalhar connosco nas nossas actividades oposicionistas.

Assim fiz. Fiquei impressionado, nesse primeiro encontro, com a personalidade de Oliveira Marques, com a sua segurança e firmeza de convicções. Sabia o que queria. Mas quando lhe propus que trabalhasse connosco no nosso grupo, à luz do dia, disputando a legalidade palmo a palmo com regime policial que nos governava, respondeu-me logo

que isso não o interessava, por considerar a nossa luta inglória, dada a natureza do regime. E acrescentou: o que gostava era de poder ingressar na Maçonaria Portuguesa, que sabia estar, desde 1934, na mais absoluta clandestinidade.

Fiquei, confesso, um pouco surpreendido. Porque nesse tempo a Maçonaria não impressionava muito a juventude e era considerada, pelo menos nos meios intelectuais que eu frequentava, como uma velharia. No entanto, eu conhecia e era amigo do Professor Dias Amado – cuja filha fora minha colega na Faculdade de Letras – que sabia ser então grão-mestre da Maçonaria. Ofereci-me para o sondar – apesar de eu não ser maçã – o que fiz, pondo-os em contacto através de uma carta, para Dias Amado, que entreguei ao Oliveira Marques, como uma espécie de senha. Algum tempo depois vim a saber que tinha sido iniciado na Maçonaria.

Os anos passaram e só nos vimos muito esporadicamente. Rápidos encontros de rua ou de livraria. A minha vida tornou-se bastante complicada, com sucessivas prisões, a deportação em São Tomé e depois, já na época de Caetano, o exílio em França. Oliveira Marques fez a sua carreira académica, com raro brilho. Esteve na América, entre 1965 e 1970, nas Universidades de Florida e de Columbia, depois de ter sido afastado da Universidade Portuguesa, por não ser pessoa grata ao regime.

Lembro-me que, quando eu estava no exílio em França, Oliveira Marques me visitou em Paris, e tivemos uma ampla conversa sobre o futuro de Portugal. O regime estava esgotado. As guerras coloniais, parecia-nos a ambos evidente, não tinham solução militar. No exílio, já tínhamos então formado o Partido Socialista, de que eu tinha sido eleito secretário-geral. Propus-lhe entrar para o PS, mas ele recusou, dizendo-me que tinha, entretanto, feito o seu caminho na Maçonaria.

Dessa altura tinha já Oliveira Marques uma obra de investigação histórica considerável. Era um reputado medievalista, tinha escrito a *História de Portugal*, uma obra original e que continua a ser uma referência, e começou a interessar-se pela história da I República, tendo estudado o arquivo de Afonso Costa, então na posse do seu filho, do mesmo nome, meu Amigo e correligionário. Foram ainda Dias Amado e José Magalhães Godinho que puseram Oliveira Marques em contacto com Afonso Costa Filho.

Julgo que só nos voltámos a encontrar já depois da Revolução dos Cravos, quando já tinha sido nomeado director da Biblioteca Nacional e regressado à Universidade. Naquela época conturbada, apesar das minhas ocupações políticas absorventes, encontrei várias vezes Oliveira Marque e discutimos as suas ideias iberistas. Eu estava de acordo, quanto ao fundo, mas naquele especial e delicado momento político, não me parecia oportuno nem politicamente conveniente levantar essa questão.

Os tempos passaram. Oliveira Marques produziu um trabalho imenso de investigação histórica, publicando livro atrás de livro. Sem abandonar a veia de medievalista, ocupou-se da história da expansão portuguesa (em parceria com Joel Serrão, meu querido Amigo e colega de Universidade) e da história da I República, do Estado Novo e da Maçonaria, tendo sido grão-mestre adjunto do Grande Oriente Lusitano.

Recentemente vi-o duas vezes, estava Oliveira Marques já muito doente. Quando o visitei na sua belíssima casa, envolvida numa moldura preciosa de livros, com uma vista única sobre o Tejo e o mar da Palha. Na presença do seu fiel amigo e colega, Professor João Alves Dias, voltamos a falar das suas concepções iberistas, linha que vinha de Antero e Oliveira Martins, passando pela I República portuguesa e a II espanhola, até à guerra civil. O momento parecia-me o mais propício a renovar um bom e útil debate. Mas Oliveira Marques, muito cansado, pareceu-me incapaz, por estar desinteressado, de o reabrir.

E, finalmente, voltei a encontrá-lo, e fez-me imensa impressão, no funeral do nosso comum e malgrado amigo Mário Sottomayor Cardia. Foi o nosso último encontro. E bem triste, por sinal.

Oliveira Marques deixou uma obra imensa, que não está suficientemente estudada, quanto a mim. O tempo encarregar-se-á de o revelar, às novas gerações, como um dos gigantes do pensamento histórico português da segunda metade do século xx. Foi um homem bom, de convívio nem sempre fácil, mas de espírito cívico, aberto e coerente, e um grande **mação**.

Lisboa, 14 de Maio de 2007

MÁRIO SOARES

Um aprendiz de Historiador na Alemanha do Pós-Guerra

Relato memorialista

0

Aos 23 anos fui para a Alemanha. Preparar a tese de doutoramento como objectivo principal. Aprender a língua e ver a terra como motivos secundários mas quase tão importantes. Falava-se então muito – estava-se em 1956 – da reconstrução da Alemanha, do *Deutsche Wunder*. Poucos anos antes eu aprendera os rudimentos de alemão e os textos ainda abundavam em expressões nazistas: *der Führer, die Stadt der Bewegung, die Bizonie, die Ostzone*, a partilha de Berlim... A curiosidade por parte de um jovem era irresistível, sobretudo por um aprendiz de historiador, cuja infância decorrera durante a guerra num país sem guerra. Nada de germanofilismo em casa, entenda-se. Quase toda a família era ferozmente aliadófila, mas talvez por isso mesmo... Sempre fui rebelde, anticonvencional, crítico absoluto. Dizem mal, atacam, vamos ver como é...

Ao tempo, eu escrevia um Diário. Guardei-o e é, ainda hoje, a fonte principal das presentes memórias. Metade está escrito em alemão, alemão de principiante, entenda-se, com muitas frases e portuguesismos, quer na sintaxe, quer em várias palavras, até: *atolar*, por exemplo... Alguém me disse que se devia escrever o diário na língua em que se vivia. Era o alemão. Escrevi-o em alemão.

1

A «Alemanha» era a República Federal. Recordo-me, quando pensei em visitar a D. D. R., de ter querido comprar um guia de *toda* a Alemanha. Numa livraria onde formulei o pedido, acentuando o *toda*, o empregado trouxe-me o conceituado manual *Negel*, mas limitado à Alemanha do Ocidente. Quando insisti que não queria, o funcionário, um pouco já mal-humorado, respondeu: aí tem, todo o Estado Federal e acrescentou com ar evidente: *Deutschland*.

Para a maioria dos Alemães, o que havia para lá da República Federal era a *Ost-Zone*, referindo-se à partilha de 1945 ou, com desdém, a «chamada República Democrática Alemã», «*die sogenannte DDR*», o que enfurecia os comunistas de leste.

Para o turista, uma cidade, mormente uma grande cidade, era um montão de ruínas, muitas ainda com o aviso, «Cuidado, mina ou bomba por explodir», com acesso proibido. Os Alemães do ocidente, com sabedoria, tinham começado por reconstruir as infra-estruturas e os bairros residenciais, deixando para o fim os centros monumentais. Em Würzburg, a catedral era um montão de escombros. Em Colónia começava-se a reconstruir a ópera entre espaços vazios. Em Munique, os espaços verdes em torno do *English Garten* estavam ainda desfeitos. Em Berlim, então, e já sem falar da parte oriental, o panorama era ainda mais desolador. O *Reichstag* parecia um fantasma negro. No *Tiergarten*, outrora o elegante bairro das embaixadas, só cinco edifícios tinham ficado de pé. Em Maiz, a reconstrução avançava a passos curtos. O aeroporto de Berlim – *Tempelhof* – parecia um buraco no meio de ruínas e tinha-se medo à medida que o avião baixava. A *Lufthansa* não estava ainda autorizada a voar para lá.

As cidades visitadas sucediam-se. Percorri a Alemanha toda desde Munique até Kiel e desde Colónia até Berlim. Os arquivos abundavam e eu fazia o possível para os visitar. Todos me cumulavam de atenções e de facilidades, à excepção de Sua Alteza Real, o príncipe da Baviera, que não me permitiu o acesso aos seus preciosos fundos particulares... As minhas convicções republicanas e centralistas saíram robustecidas, mas a verdade é que não vi os fundos.

Partir e chegar era um deleite. Comboios rápidos e pontuais, pouco cheios e, em cada estação, um precioso *Verkehrsverein* que nos indicava hotéis e quartos para todos os preços. No interior das cidades eram usados o autocarro e o eléctrico. Não se falava muito da guerra, nem em público nem em privado. Mas consegui ter algumas conversas elucidativas, como a da vantagem ou não vantagem dos *Gauen*, os pormenores de organização do *Vollk Sturm* em Berlim, as fugas para o Ocidente em tudo o que era transporte, etc. O Professor Kellenbenz achava que os territórios perdidos para lá da linha Oder-Neysse não voltariam mais mas que, em compensação, a reunificação se viria a fazer, mais cedo ou mais tarde.

A um português nascido nas arribas, faltava mar. Só vi uns bocadinhos e por pouco tempo, no Norte, entre Bremen e Greifswald. Em Travemünde, perto de Lübeck, desejoso de o ver, enganei-me no caminho e dirigi-me para sul em vez de para o norte. À vista de Rügen passei horas sentado num banco. Mas era um mar que não se parecia nada com o mar português. Faltavam também gatos, não dos recolhidos e bem tratados em casa, mas dos bravios, acompanhando-nos e acordando-nos com os seus cânticos de cio. E faltava sobretudo luz, desta que, até em Portugal, só se colhe a sul de Rio Maior.

2

Para um português em Lisboa, a Alemanha é uma espécie de Pólo Norte. De Outubro a Maio nunca deixei de usar ceroulas, camisolas, sobretudo e até chapéu. E, mesmo assim, o frio entra por todos os lados: ouvidos, nariz, colarinho da camisa, sobe-nos pelas pernas e gela-nos os pés. Está sempre a cair qualquer coisa do céu: chuva ou neve de vários matizes, e sopra um vento glacial que vem de vários pontos do globo. Em 1 de Abril de 1957, em Hamburgo, ao vestir-me para sair, chorei observando uma neve pastosa e pachorrenta que caía sem parar. Quando faz sol, o frio não abranda. Subi uma vez o Marienberg, em Würzburg, numa manhã radiante de sol... mas com 7º negativos, que me fizeram soçobrar na primeira cadeira que encontrei no topo, arquejando como se tivesse 70 anos. A luz era escassa. Nos dias de Inverno, acendia a luz às 3 da tarde.

O turbilhão em que decorreu a minha vida desde 1957 até 1962 não permitiria contudo grandes meditações saudosistas. Na vida profissional esses primeiros tempos correram bem, sem problemas, e sem inimigos pessoais aparentes. Contudo, a partir de 1962, a situação começou a modificar-se. Uma série de greves ocorridas na Universidade de Lisboa, e mais tarde de Coimbra, a partir de Março desse ano veio abalar até aos alicerces a minha confiança e a minha estabilidade. Tendo tomado o partido dos estudantes contra um corpo docente reaccionário e profundamente salazarista, e tendo sido acompanhado por muito poucos colegas, verifiquei que a minha carreira profissional na Universidade de Lisboa ia ser cortada à nascença. Depois de dois anos de tergiversações, fui obrigado a pedir a demissão da carreira universitária e da carreira pública em Novembro de 1964. Punha-se a questão de um futuro emprego, já que o labéu que incidira sobre mim não me permitia alimentar grandes esperanças quanto a outras modalidades de colocação por parte do Estado. Isto aliás já eu compreendera perfeitamente desde a Primavera de 1962, o que me levava a começar as diligências para sair de Portugal e encontrar novo percurso no estrangeiro. O meu primeiro pensamento foi indiscutivelmente a Alemanha, e para aí dirigi pedidos e consultas.

Na Alemanha Federal nunca teria quaisquer hipóteses de singrar, dado que, apesar de já doutorado e com uma tese e artigos vários sobre história hanseática, não era fácil obter colocação para um jovem vindo de um país pouco cotado como Portugal. Da D. D. R., em contrapartida, tive oferta de emprego. Nos anos intermediários os meus contactos com Leipzig tinham-se intensificado, e os professores Kossok e Markov tinham conseguido mesmo ir a Portugal ao Congresso dos Descobrimentos e visitado a minha casa. Punha-se-me, no entanto, a questão de optar entre duas ditaduras; e não me pareceu que a D. D. R. desse maiores sinais de abertura do que o fascismo salazarista e de que as facilidades de residência e de trabalho dentro do seu território fossem aceitáveis. Uma terceira via se abriu então, que foi a dos Estados Unidos da América, e por essa vim a optar no Verão de 1965, iniciando um novo e totalmente diferente rumo na minha complicada vida docente.

Emigrar, contudo, para qualquer das Alemanhas esteve sempre no meu pensamento até 1974 (Revolução de 25 de Abril), e se não cheguei a ser um emigrante real fui, sem dúvida alguma, um emigrante virtual.

A. H. DE OLIVEIRA MARQUES



(Lisboa, col. A. H. de O. M.)

A. H. de Oliveira Marques em Viena, Agosto de 1956

Bibliografia activa

Monografias e publicações periódicas

1

A 1.^a República Portuguesa (para uma visão estrutural) / A. H. de Oliveira Marques. – [1.^a ed.]. – Lisboa : Livros Horizonte, [1971]. – (Horizonte ; 13)

Na capa, o tít. é: *A Primeira República Portuguesa*.

BNP H.G. 32933 P.

BNP H.G. 34125 P.

BNP H.G. 35445 P.

2.^a ed.: 1975 (BNP S.C. 32698 P.)

3.^a ed.: 1980. O subtít. é: *Alguns aspectos estruturais*. (BNP H.G. 34072 P.; BNP H.G. 36728 P.)

2

[O 5 de Outubro] / A. H. de Oliveira Marques. – Lisboa : P. S., Federação da Área Urbana de Lisboa, imp. 1977

Na capa: *República, democracia, socialismo: Etapas da liberdade*. – Texto da conferência proferida em 5 Out. 1976, no Teatro Municipal de S. Luís, Lisboa. – Exemplar n.º 182 de 500, encadernado, tendo na pasta o tít.: *5 de Outubro*.

Lisboa, col. A. H. de O. M.

3

A. H. de Oliveira Marques : «Fiz o possível por não errar»

In: *Expresso*. – Lisboa. – (23 Mar. 1985), supl. Revista, p. 43-R

Transcrição de quatro cartas escritas a Marcelo Caetano.

BNP J. 1299 A.

244

Infância / A. H. de O. M.

In: Dicionário de história de Portugal / dir. por Joel Serrão. – [1.ª ed.].
Lisboa : Iniciativas Ed., imp. 1965. – Vol. 2, p. 539-540

BNP H.G. 31399 V.

245

Ingénuos / A. H. de O. M.

In: Dicionário de história de Portugal / dir. por Joel Serrão. – [1.ª ed.].
Lisboa : Iniciativas Ed., imp. 1965. – Vol. 2, p. 544

BNP H.G. 31399 V.

246

Inquirições / A. H. de O. M.

In: Dicionário de história de Portugal / dir. por Joel Serrão. – [1.ª ed.].
Lisboa : Iniciativas Ed., imp. 1965. – Vol. 2, p. 552-554

BNP H.G. 31399 V.

247

Instituições paramaçónicas portuguesas / por Alexandre Herculano

In: O Rebelde [Órgão oficial da Loja Rebeldia]. – Lisboa. – N.º 2 (1987),
p. 3-8.

Alexandre Herculano é o nome simbólico, na Maçonaria, de A. H. de O. M.

Lisboa, col. A. H. de O. M.

248

Introdução à história da agricultura em Portugal : (a questão cerealífera durante a Idade Média) / por A. H. de Oliveira Marques

In: O Tempo e o Modo. – Lisboa. – N. 45 (Jan. 1967), p. 9-44

Introdução à obra com o mesmo título, então ainda inédito. – Ver n.º 249 deste catálogo.

BNP P.P. 11478 V.

249

Introdução à história da agricultura em Portugal : a questão cerealífera durante a Idade Média / por A. H. de Oliveira Marques. – 2.ª ed. – Lisboa : Cosmos, 1968. – (A marcha da humanidade / dir. Vitorino Magalhães Godinho)

Dissertação de concurso para professor extraordinário, inicialmente publ., com il., em *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, 3.ª s., n.º 6 (1962), p. 5-345 (BNP J. 2243 B.). Dado o concurso ter sido anulado, este número da revista foi retirado de circulação, embora já tivesse sido distribuído, e foi feito um novo, com outras colaborações (BNP J. 2243 B.). Foi feita sep.: [1.ª ed.], 1962 (Lisboa, col. A. H. de O. M.).

BNP S.A. 35475 V.

BNP S.A. 109014 V.

3.ª ed.: 1978 (BNP H.G. 31740 V.)

250

Introdução à história da cidade medieval portuguesa / A. H. de Oliveira Marques. – Braga : [Bracara Augusta], 1981

Sep. de *Bracara Augusta*, Braga, vol. 35, fasc. 79, n.º 92 (Jan.-Dez. 1981).

BNP B.A. 7635 V.

251

Introdução à história dos gatos em Portugal / A. H. de Oliveira Marques. [S.l. : s.n.], 2003

Sep. de *Boca do Inferno*, Cascais, n.º 8 (Jul. 2003).

Publ. em: *A historiografia portuguesa, hoje*. Coord. José Tengarrinha. – São Paulo: Instituto Camões: Ed. Hucitec, 1999. – P. 46-59 (Lisboa, col. A. H. de O. M.).

BNP S.A. 114795 V.

252

A introdução dos algarismos árabes nos documentos medievais portugueses / A. H. de Oliveira Marques

In: *Estudos de arte e história : homenagem a Artur Nobre de Gusmão*.

1.ª ed. – Lisboa : Vega, 1995. – P. 128-131

Ver n.º 253 deste catálogo.

BNP B.A. 13813 V.

253

L'introduction des chiffres arabes dans les documents médiévaux portugais / par A. H. de Oliveira Marques. – Sigmaringen : Jan Thorbecke Verlag

Sep. de *Graphische Symbole in mittelalterlichen Urkunden*. – Exemplar com dedicatória ms. autógr. do autor à BNP. – Ver n.º 252 deste catálogo.

BNP P. 15040 V.



[249]

ÍNDICE

	Págs.	
FRANK MALKIN — <i>L'Alentejo, actives de Calatrava</i>	7	F.A.
A. MOREIRA DE SA — <i>A inteligência social em Psicologia: inteligência, temperamento e personalidade</i>	30	
LIVIO TEIXEIRA — <i>Filologia e História de Filologia</i>	50	F.A.
D. FERNANDO DE ALMEIDA — <i>Atas Indianas, Ipanhama, dobradas a Maré</i> ..	68	H.I.P.
C. H. PATRICK — <i>As relações de Milton com Portugal</i>	79	
FERNANDO DE MELLO MOURA — <i>Liturgia e iconografia na interpretação do «santo de alentejo»</i>	88	H.I.P.
MARIA LEONOR DE CASTRO H. TELLES — <i>A função da poesia de Blake em «The Hours of Maudlin»</i>	113	H.I.P.
RIKA IZUMI — <i>A dialéctica entre classicismo e maneirismo segundo Ernst Robert Curtius e Gustav Bonifacio</i>	142	H.I.P.
TERENÇA GILBERTO MENEZES — <i>Apontamentos sobre o romantismo e o romance moderno</i>	184	H.I.P.
ALBERT-ALAIN BEURSON — <i>Le Marquis de Pombal et la reorganisation des flottes de commerce entre le Portugal et le Brésil (1753-1766)</i>	182	

199

Dissertação de concurso para professor extraordinário, inicialmente publicado, com il., em *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, 3.^a s., n.º 6 (1962), p. 5-345. Dado o concurso ter sido anulado, este número da revista foi retirado de circulação, embora já tivesse sido distribuído, e foi feito um novo, com outras colaborações.



[249]

Índice geral

	Pp.
ANTONIO H. OLIVEIRA MARQUES, <i>Introdução à História de Agricultura em Portugal (A questão arcaica durante o século XVIII)</i>	3
Prefácio	5
Introdução	19
Capítulo I — As Condições da Produção	31
1 — O clima	31
2 — O solo arável	44
3 — A mão-de-obra	48
Cap. II — As Formas de Produção	59
1 — O solo cultivado	59
2 — Os cereais produzidos	78
3 — O quantitativo de produção	82
Cap. III — Os Meios de Produção	87
1 — As técnicas agrícolas	87
2 — As formas de propriedade	98
3 — As formas de exploração agrícola	106
Cap. IV — A Circulação e a Distribuição Internas	109
1 — Ovelhas e vacas	109
2 — A organização do comércio interno	117
3 — As vias de comunicação	135
Cap. V — O Comércio Externo	145
1 — A importação	145
2 — A exportação	163
Cap. VI — As Técnicas Comerciais	171
1 — A Proliferação	187
2 — O crédito	187
3 — A organização da moagem e o comércio de pão	195

422

Cap. VIII — Os Portos	205
1 — Considerações gerais	205
2 — Os portos das costas	210
3 — Os portos da foz dos rios, do pólo e das ilhas	218
Cap. IX — O Comércio	221
Cap. X — O Norte de África	227
Cap. XI — As Ilhas Atlânticas	243
1 — As Madras	243
2 — Os Açores	246
3 — Cabo Verde	250
Cap. XII — As Crises dos séculos XIV e XV	253
Conclusão	260
Bibliografia	261
a) Fontes	261
I — Fontes manuscritas	261
II — Bibliografias e índices documentais	269
III — Fontes impressas	283
b) Estudos	303
Índice das principais abreviaturas	321
Índice analítico	333
A. MOREIRA DE SA, <i>A Revolucionária em Portugal: Fisiologia, Temperamento e Personalidade</i>	347
LUIZ TEIXEIRA, <i>Filosofia e História da Filosofia (A margem de alguns estudos sobre o legado de Filosofia com o seu História)</i>	361
FERNANDO DE ALMEIDA, <i>Das Indústrias Esportivas, Atletismo e Maré (Um estudo de Maré, em Lisboa e Évora)</i>	411
C. H. FATHIMA, <i>As relações de Milão com Portugal</i>	413
Índice das gravuras	430
Índice geral	431
Errata	433

Índice geral

Homenagem a A. H. de Oliveira Marques

1933-2007

JORGE COUTO

7

T E X T O S

A. H. de Oliveira Marques

MARIA HELENA DA CRUZ COELHO

15

Evocação de Oliveira Marques

MÁRIO SOARES

21

Oliveira Marques o el mundo que se nos va

HIPÓLITO DE LA TORRE GÓMEZ

25

Um aprendiz de Historiador na Alemanha do Pós-Guerra

Relato memorialista

A. H. DE OLIVEIRA MARQUES

29

A economia cooperativa, instrumento
privilegiado da transformação gradual da sociedade

A. H. DE OLIVEIRA MARQUES

Carta a António Sérgio

43

Texto de Ernest Reisen

45

CATÁLOGO

Bibliografia activa

59

Monografias e publicações periódicas

59

Direcção de colecções e publicações periódicas

144

Organização, compilação, edição, prefácio e revisão

151

Recensões

166

Entrevistas, respostas a inquéritos, depoimentos e mesas redondas

170

Traduções

180

Vária

182

Bibliografia passiva

185

ÍNDICES

Índice onomástico

201

Produção gráfica

OFICINAS GRÁFICAS DO ERP/BNP

Junho 2007

Tiragem

500 exemplares

Depósito legal

260261/07